

# UM GRÃO DE TEMPO, E SEREI PÓ

Joaquim Pinto construiu um filme sobre a inexorabilidade do tempo e o mistério da vida, como se o cinema, do quotidiano ao livro de memórias, fosse só um presente do destino. Chama-se "E Agora? Lembra-me". Estreia na quinta-feira em Locarno

Texto **Francisco Ferreira**

O que é o cinema não é coisa que se pergunte, porque a pergunta não tem fim. Ninguém descobriu ainda a fórmula mágica, ninguém deixou tese comprovada. De tempos a tempos, há até casos em que o cinema parece brotar do inexplicável, ou do que, por ser tão simples, parece prescindir de explicação. Ver o cinema como uma erva daninha que nasce sem pedir. Ver o cinema como o testemunho da fragilidade do que é viver — e do que é filmar. Joaquim Pinto, 56 anos, realizou um filme assim. Fê-lo com a ajuda do companheiro, Nuno Leonel. Chamou-lhe "E Agora? Lembra-me". Quanto mais se expõe — e com uma franqueza e um clareamento raros — mais misterioso se torna. É um diário de bordo, o filme de uma vida, literalmente, mas não apenas isso. Estreia na quinta-feira, na competição do Festival de Locarno. Será o cinema, como em tempos disse Serge Daney à conversa com Godard, "um presente do destino"?

Como falar de "E Agora? Lembra-me"? Não é fácil, mas o cineasta dá-nos uma ajuda. Apresenta-se, em *off*, nos primeiros minutos: "O meu nome é Joaquim." "A minha vida", diz ele, "não tem nada de particular. Vivo com o Nuno, somos casados. Juntos, demos a volta ao mundo, ou o mundo passou por nós." E ainda antes (ou foi impressão nossa?) de termos visto a ameaça da morte de frente, na 'caveira' da radiografia de um crânio, é o narrador, Joaquim, quem se explica. Diz que tentou sem sucesso os tratamentos disponíveis em Portugal para o vírus da hepatite C, que em coinfecção com o VIH (Joaquim convive com ambos há duas décadas) evoluiu para a cirrose. Que se atirou para o desconhecido: para um ensaio clínico, em Madrid, com drogas não aprovadas, que o faziam "sentir a vontade desligada do corpo". Diz ainda que o filme que temos à nossa frente é o bloco de notas de um ano desses ensaios, ano de paragem forçada que lhe vai permitir abrir os velhos caixotes de cartão, revisitar a sua vida, as suas memó-

rias. Começa por filmar sozinho, mas a colaboração do seu companheiro, ao longo destas 2h40 de cinema, vai-se tornando cada vez mais importante. É como se o narrador Joaquim, pouco a pouco, fosse ganhando a 'personagem' de Nuno, selando aquilo que no filme acaba por ser mais precioso: uma história de amor.

Há mais histórias em "E Agora? Lembra-me". Viagens longas, tão cheias de peripécias como a do cineasta. Joaquim Pinto tem um extraordinário percurso de vida. Como técnico de som, é peça essencial destes últimos 30 anos de cinema português. Como realizador, assina dois filmes secretos, infelizmente quase inacessíveis, "Uma Pedra no Bolso" (1988) e "Onde Bate o Sol" (1989), em que a narrativa já sabia como esconder as suas ameaças (sobretudo crises de identidade na passagem da adolescência à idade adulta). Está a estudar na

RDA nos anos 70, conhece Guy Hocquenghem em Nova Iorque, mais tarde Serge Daney e Derek Jarman (todos levados pelo VIH). Na GER, produz dezenas de filmes, de entre os quais "Recordações da Casa Amarela" e "A Comédia de Deus", pedras fulcrais da obra de César Monteiro que foram também pedras no sapato do produtor Joaquim... Mais tarde, já com a colaboração e na companhia de Nuno, anda pelo Brasil, passa alguns anos nos Açores, realizando um punhado de documentários que lhe deram uma prática de trabalho, até que "filmar se tornou só mais uma atividade do dia a dia". É Joaquim quem o diz em "E Agora? Lembra-me", na propriedade que alugou e que partilha com Nuno na zona do Bombarral, onde vivem há dois anos, na companhia de quatro cães e de uma bateria de vírus (que, se Joaquim pudesse, teria certamente filmado).

Por falar em invisibilidade, e num momento em que o filme não viu sequer a luz do dia em Locarno, tão-pouco tem data de estreia portuguesa à vista nas salas (será exibido em Portugal no Festival Queer em primeira mão e depois no DocLisboa), receamos que o VIH, a hepatite C ou o engodo do filme autobiográfico comecem a tomar conta do discurso, deixando de lado o que aqui nos parece ser mais importante. "E Agora? Lembra-me" foge a sete pés de qualquer gancho temático. Não se esgota num caso de realismo social. Tam-





bém não tem a pretensão de ser estandarte de uma geração que se assumiu — ou de coisa alguma. Injusto é ainda pensar que há aqui qualquer tipo de ancoragem em testemunhos de cinema *terminal care* relacionado com o VIH, como “Blue”, de Derek Jarman, ou, antes deste, “La Pudeur ou L’Impudeur”, de Hervé Guibert — numa longuíssima entrevista que gravámos no Bombarral e que guardaremos para o momento em que o filme puder ser visto por todos, Joaquim Pinto sente-se igualmente longe desta clivagem.

É que “E Agora? Lembra-me” articula-se de uma forma completamente diferente com a realidade. Não cessa de cruzar o passado com o presente. Gera uma espécie de quimera privada que nos convida a entrar noutras portas e que, em simultâneo, nos faz olhar para o mundo e para o homem a partir de outra escala, com outro ritmo. Não é por acaso que o filme começa com um grande plano da vida animal em que uma lesma percorre vagarosamente o ecrã, preparando-nos para a longa viagem que há de vir. Não é por acaso que a narrativa se

desloca às tantas para um fabuloso livro ilustrado do século XVI, da autoria de Francisco de Holanda, esquecido numa biblioteca madrilena, e que conta a história do mundo em imagens. Enquanto o cineasta, encharcado de comprimidos até aos ossos, pensa no ano do Sputnik em que nasceu, enquanto sai do carro com Nuno, de extintor na mão, para apagar um fogo posto, enquanto os cães ladram e Joaquim se lembra de ver Angela Merkel em Leipzig, ou desce às grutas no Castro da Columbeira, ou ci-

**“E Agora? Lembra-me”  
gera uma quimera  
privada que nos convida  
a entrar noutras portas  
e nos faz olhar para  
o mundo a partir  
de outra escala**



Joaquim Pinto (com o companheiro Nuno Leonel) numa imagem de “E Agora? Lembra-me?” (pág. da esq.) e numa foto de rodagem do filme (em cima). Isabel Ruth no derradeiro trabalho de Paulo Rocha, assombrado por todo o seu cinema: “Se Eu Fosse Ladrão... Roubava” (à esq.)

ta, como César Monteiro tanto gostava de fazer, Ruy Belo, Santo Agostinho ou o Evangelho de São Marcos, o que se descobre, afinal, é a manifestação de poder de um quotidiano nada simpático, mas que o cinema tornou fantástico, incomensurável e, portanto, numa experiência transcendente.

Perguntamo-nos: como reagir a um filme sobre o Eu que consegue desembaraçar-se de todo o egocentrismo? Talvez tratando o cinema como um signo clínico, acreditando em simultâneo nele com uma fé absoluta. Suspeitamos que, para esta ‘toxicose’, ainda não se inventou uma vacina, e deve ser por isso que “E Agora? Lembra-me” vai passar na Suíça. Para que fique escrito, preto no branco: Locrano selecionou um filme magnífico.

Também em Locarno será exibido, em estreia mundial, “Se Eu Fosse Ladrão... Roubava”, derradeiro (e póstumo) filme de Paulo Rocha, integrado num tributo especial que o festival suíço dedica ao grande cineasta do Porto, desaparecido no fim do ano passado. Serão ainda apresentadas, em cópia restaurada, as duas primeiras obras de Rocha, “Os Verdes Anos” (1963) e “Mudar de Vida” (1966). Voltaremos com maior profundidade ao novo filme, que o realizador, ao contrário de boatos que circularam, pôde acompanhar até à montagem final. A Cinemateca Portuguesa, a quem Paulo Rocha legou os direitos integrais da sua obra, teve a amabilidade de nos mostrar este trabalho fascinante há poucos dias. O seu título é nome de um cancionero popular duriense que já ouvimos em “O Rio do Ouro” (e quem também roubava, mas a caixa de esmolas, era a Albertina de “Mudar de Vida”, notavelmente interpretada por Isabel Ruth).

“Se Eu Fosse Ladrão... Roubava” leva-nos para um ‘filme-testamento’ como não conheço outro no mundo. Há material novo, filmado por Rocha (a ficção de um rapaz, Vitalino, que vive com as irmãs numa aldeia das Beiras e que perde o pai em 1917, o ano da peste, alimentando depois o desejo de partir para o Brasil), e um apelo inquebrantável às obsessões do cineasta, aos lugares por onde ele passou e onde filmou (há um plano de Isabel Ruth numa praia tingida com a luz do pôr do sol que não fica longe das feiticeiras do cinema clássico japonês, país muito importante na vida de Rocha). Ou seja, a história de Vitalino, em que Paulo Rocha homenageia o seu pai, vai de seguida cruzar-se, num aturado trabalho de montagem, com excertos de praticamente todos os filmes do cineasta desde “Os Verdes Anos”. Será uma obra passível de poder ser reordenada a partir de fragmentos? Paulo Rocha acreditava em pleno nesta ideia. Também acreditava em fantasmas, sobretudo nos do cinema, e nos rostos, todos os rostos, que Isabel Ruth deixou nas cinco décadas da sua obra e que encontramos aqui. “Se Eu Fosse Ladrão... Roubava” não é um somatório de excertos incertos, uma manta de retalhos, um filme por concluir, é antes um conjunto pleno de intenções que tece um fio narrativo miraculoso, mesmo para quem não conhece o trabalho do seu autor. Um filme assombrado, e a sério — para já, mais não se diz. **A**

(Mais informações em [www.pardo.ch](http://www.pardo.ch))